

Uma abordagem variacionista do abaixamento da vogal pretônica /E/¹ na norma culta de Fortaleza-CE²

A variacionist approach of the lowering of the pretonic vowel /E/ in the cult norm of Fortaleza-CE

Un enfoque variacionista para la reducción de vocales pretónicas /E/ en la norma culta de Fortaleza-CE

Brenda Kathellen Melo de Almeida*  <http://orcid.org/0000-0003-4030-1011>
Aluiza Alves de Araújo*  <https://orcid.org/0000-0003-2166-0852>
Maria Lidiane de Sousa Pereira*  <http://orcid.org/0000-0002-0048-1321>
Rakel Beserra de Macêdo Viana*  <http://orcid.org/0000-0001-6565-7730>

RESUMO: Com base nos postulados da Sociolinguística Variacionista, investigamos a realização variável de /E/ pretônica, constituída por duas variantes: a manutenção, em que a pretônica /E/ permanece com o timbre fechado como em: [he'viʃte] e o abaixamento, em que a pretônica /E/ é pronunciada com o timbre aberto: [hɛ'viʃte]. A partir disso, objetivamos testar a influência de fatores linguísticos e extralinguísticos sobre a regra de abaixamento em coocorrência com a manutenção. Para isso, selecionamos uma amostra de linguagem falada por 34 informantes do PORCUFORT. Ao todo, catalogamos 2.965 ocorrências quanto à variação da vogal /E/ pretônica. Por meio de análises estatísticas, realizadas com o programa GoldVarb X, verificamos que, no total das ocorrências, 53,30% dos casos compreendem a realização fechada de /E/, enquanto 46,70% correspondem ao abaixamento de /E/. Além disso, os resultados mostraram que os grupos de fatores mais relevantes para o abaixamento de /E/ foram, nessa mesma ordem de importância: tipo de vogal tônica, tipo de átona seguinte, atonicidade, faixa etária, classe do vocábulo, contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte e monitoramento estilístico.

¹ O arquifonema /E/ engloba as variações da vogal média anterior nos contextos em que essas perdem a sua capacidade de distinção fonológica.

² Este estudo contou com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

* Doutoranda e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - PosLa. Graduada em Letras Português Licenciatura pela Universidade Estadual do Ceará. E-mail: brendakathellen@yahoo.com.br

* Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará e Professora Associada M da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: aluizazinha@hotmail.com

* Doutora e mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: lidianep.sousa@gmail.com

* Doutoranda e mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará UECE. E-mail: rakelbeserra@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Abaixamento. Vogal pretônica média. SociolinguísticaVariacionista. PORCUFORT. Fortaleza-CE.

ABSTRACT: Based on Variationist Sociolinguistics, we investigated the variable realization of /E/ pretonic, consisting in two variants: the maintenance, in which the pretonic /E/ remains with the closed tone like in: [he'viʃte] and lowering, in which the pretonic /E/ is pronounced with the open timbre: [hɛ'viʃte]. From this, we aim to test the influence of linguistic factors and extralinguistic on the lowering rule in co-occurrence with the maintenance. To do this, we selected a sample of the language spoken by 34 informants from the PORCUFORT. Altogether, we cataloged 2.965 cases of variation in vowel /E/ pretonic variation. Through statistical analysis fulfilled with the GoldVarb X program, we found that, in the total of occurrences, 53.30% of the cases are related to the closed realization of /E/, while 46.70% corresponds to the decrease of /E/. This way, the results showed that the most relevant factor groups for the /E/ lowering were, in the same order of importance: tonic vowel type, following atonic type, atonicity, age group, word class, preceding phonological context, following phonological context and stylistic monitoring.

KEYWORDS: Lowering. Mean pretonic vowel. VariationistSociolinguistics. PORCUFORT. Fortaleza-CE.

RESUMEN: Con base en la Sociolingüística Variacionista, investigamos la realización variable de /E/ pretónico, que consta de dos variantes: mantenimiento, en el que el pretónico /E/ sigue con el timbre cerrado, como en: [he'viʃte] y la reducción, en la que el pretónico /E/ se pronuncia con el timbre abierto: [hɛ'viʃte]. A partir de esto, nuestro objetivo es experimentar la influencia de los factores lingüísticos y extralingüísticos sobre la regla de reducción en concurrencia con el mantenimiento. Para esto, seleccionamos una muestra de lenguaje hablado por 34 informantes del PORCUFORT. En total, catalogamos 2.965 casos de variación con respecto a la variación de la vocal /E/ pretónica. A través del análisis estadístico, realizado con el programa GoldVarb X, encontramos que, en el total de casos, el 53.30% de los casos comprenden el rendimiento cerrado de /E/, mientras que el 46.70% corresponde a la reducción de /E/. Además, los resultados mostraron que los grupos de factores más relevantes para la reducción de /E/ fueron, en el mismo orden de importancia: tipo de vocal tónica, tipo de vocal no tónica siguiente, atonicidad, grupo de edad, clase de la palabra, contexto fonológico precedente, contexto fonológico siguiente y monitoreo estilístico.

PALABRAS CLAVE: Reducción. Vocal pretónica media. Sociolingüísticavariacionista. PORCUFORT. Fortaleza-CE.

Introdução

A realização da vogal pretônica /E/ consiste, basicamente, em sua pronúncia com o timbre fechado, como em [he'viʃte]³. Todavia, na realidade da língua portuguesa falada no Brasil, é possível identificar duas variantes para essa regra: a manutenção, em que a vogal /E/ permanece com o timbre fechado, e o abaixamento, em que essa mesma vogal é pronunciada com o timbre aberto [hɛ'viʃte]. Diante dessa possibilidade de realização variável da pretônica /E/, traçamos para este trabalho o objetivo de analisar, com base nos postulados da Sociolinguística variacionista, a influência de fatores linguísticos

³ Todas as transcrições fonéticas tomam como foco a variedade de fala fortalezense.

(contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, atonicidade, tipo de vogal tônica, tipo de vogal átona seguinte, distância da vogal tônica, estrutura da sílaba e classe do vocábulo) e extralinguísticos (sexo, faixa etária e monitoramento estilístico) sobre a regra de abaixamento em coocorrência com a manutenção da vogal /E/ pretônica, em amostra do falar culto⁴ de Fortaleza-CE.

Para isso, construímos uma amostra de linguagem falada extraída do banco de dados do Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza⁵ (doravante PORCUFORT) e sobre a qual tornamos a falar na seção da Metodologia. Idealizado pelo professor Dr. José Lemos Monteiro, o PORCUFORT foi construído entre os anos de 1993 a 1995. Além disso, todos os informantes que constituem o referido banco de dados possuem ensino superior completo e estão estratificados de acordo com o sexo (masculino e feminino), a faixa etária (Faixa 1 – 22 a 35 anos; Faixa 2 – 36 a 55 anos e Faixa 3 – a partir dos 56 anos) e o tipo de registro (D2 – Diálogo entre Dois Informantes; DID – Diálogo entre Informante e Documentador e EF – Elocução Formal) (ARAÚJO, 2000; ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018).

A relevância deste trabalho se justifica, ao menos, por duas razões. Primeiro, com ele, estamos proporcionando um quadro descritivo sobre um fenômeno de variação linguística bastante produtivo no português falado do Brasil. Segundo, este estudo pode viabilizar a realização de pesquisas futuras que tenham como objetivo comparar os dados relativos ao comportamento variável de /E/, a partir de sincronias distintas. Salientamos, ainda, que a realização variável de /E/, pesquisada na variedade culta de Fortaleza-CE, figura como um estudo inédito. Portanto, somando estas razões, acreditamos na pertinência deste trabalho para a constituição de uma fotografia sociolinguística da comunidade de fala fortalezense, mais especificamente, e para a descrição do atual português falado no Brasil, de modo mais amplo.

Além desta introdução, este artigo conta com mais quatro seções, a saber: a seção dedicada ao Quadro teórico da pesquisa. Essa parte do artigo está dividida em duas

⁴ Conforme a elaboração do Projeto PORCUFORT, o termo culto compreende a variedade linguística usada “entre falantes urbanos com escolaridade superior completa [...]. São, em geral, as variedades que ocorrem em usos mais monitorados da língua por segmentos sociais urbanos, posicionados do meio para cima na hierarquia econômica e, em consequência, com amplo acesso aos bens culturais, em especial à educação formal e à cultura escrita” (FARACO, 2008, p. 47-171).

⁵ Ressaltamos que o PORCUFORT tem uma forte relação com o Projeto NURC (Projeto da Norma Urbana Linguística Culta), pois o PORCUFORT adota praticamente a mesma metodologia do NURC e surgiu para prover dados da variedade culta de Fortaleza-CE, que não foi incluída durante a elaboração do Projeto NURC.

subseções: na primeira, Sociolinguística Variacionista: algumas questões basilares, colocamos em discussão aspectos teóricos e metodológicos elementares para o pensamento variacionista; na segunda subseção, intitulada Estudos de base sociolinguística no português brasileiro sobre o comportamento variável de /E/, fazemos uma breve revisão da literatura pertinente sobre o fenômeno variável em pauta. Na seção da Metodologia, apresentamos o envelope de variação⁶ da pesquisa e relatamos, de forma mais detalhada, alguns dos principais procedimentos metodológicos referentes à coleta e análise dos dados. Já na seção Resultados, apresentamos e discutimos os resultados deste estudo. Por fim, tecemos algumas Considerações finais.

Quadro Teórico

Sociolinguística variacionista: algumas questões basilares

A heterogeneidade linguística é um fenômeno que sempre fascinou e inquietou os estudiosos da linguagem verbal. Afinal, a complexidade e riqueza dessa propriedade das línguas há tempos movem os esforços de pesquisas realizadas por diversos cientistas da linguagem que buscam descrevê-la e compreendê-la. Sendo assim, a heterogeneidade linguística tornou-se objeto principal de um campo do conhecimento, isto é, a Sociolinguística (LABOV, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

Grosso modo, a Sociolinguística, mais precisamente de linha variacionista, entende a heterogeneidade linguística como uma propriedade inerente a toda e qualquer língua natural. Em outros termos, Weinreich, Labov e Herzog (2006) postulam que a língua comporta não apenas regras categóricas — que não permitem variação — mas, também, e certamente em maior número, regras variáveis com suas formas variantes, que, por sua vez:

[...] oferecem meios alternativos de dizer a “mesma coisa”: ou seja, para cada enunciado em A existe um enunciado em B que oferece a mesma informação referencial [...] e não pode ser diferenciado exceto em termos da significação global que marca o uso de B em contraste com A [...] (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 97, grifo do autor).

⁶ No âmbito da Sociolinguística Variacionista, o termo ‘envelope de variação’ é usado para referir à descrição apurada de uma variável linguística, de suas variantes, bem como os contextos em que elas podem (ou não) ocorrer (GUY; ZILLES, 2007).

Além disso, esses estudiosos defendem que as variações na língua não ocorrem de modo aleatório. Ou seja, Labov (2008) e Weinreich, Labov e Herzog (2006) compreendem que as variantes linguísticas são devidamente condicionadas tanto por fatores internos (linguísticos) como externos (fatores extralinguísticos) à língua enquanto sistema. Assim, uma das tarefas do sociolinguista é justamente descrever, sempre a partir de dados de linguagem em uso, o conjunto de fatores que condicionam o uso de uma ou de outra forma variante.

Para isso, os pesquisadores inseridos nesse campo do conhecimento se valem de uma série de postulados – como, por exemplo, a ideia de língua enquanto fenômeno heterogêneo – e procedimentos como a coleta de dados a partir de amostras de linguagem em uso representativa de uma determinada comunidade de fala. No caso desta pesquisa, a comunidade de fala estudada é a cidade de Fortaleza-CE. Mais precisamente, a variedade culta da capital cearense.

Uma vez identificada a comunidade de fala e o fenômeno variável (a realização variável da vogal pretônica /E/, nesta pesquisa), intentamos analisar, conforme Naro (2012), o quantum com que cada um dos fatores testados contribui para a realização de uma ou de outra forma variante que compõe uma determinada variável dependente.

Sobre esse ponto, é importante dizer que, no âmbito da Sociolinguística variacionista, é denominada variável dependente o lugar ou fenômeno da língua que comporta variação. Essa variável é tida como dependente porque o uso das variantes que compõem não ocorre de maneira aleatória, mas sim por meio da influência de fatores que podem ser tanto de ordem linguística como extralinguística (MOLLICA, 2012), são as chamadas variáveis independentes.

Além dessas questões, cabe mencionar que este trabalho foi desenvolvido nos moldes de um estudo em tempo aparente. Para a perspectiva variacionista, um estudo desenvolvido sob a noção de tempo aparente investiga um determinado fenômeno variável e os possíveis indícios de mudança através de um recorte transversal na fala dos informantes de uma determinada comunidade de fala. Essa abordagem caracteriza, portanto, um estudo de natureza sincrônica (LABOV, 2006; 2008). Aqui, não são estabelecidas comparações entre diferentes gerações ou sincronias e a variável faixa etária é analisada como mais um ponto da estratificação social dos falantes, por meio da

qual é possível intentar algumas incursões no âmbito da investigação diacrônica.

Estudos de base sociolinguística no português brasileiro sobre o comportamento variável de /E/

Nesta seção, apresentamos algumas pesquisas de base variacionista referentes à realização variável de /E/, no português brasileiro. De modo mais preciso, consideramos as pesquisas de Celia (2004) e Amorim (2009). As razões pelas quais elencamos esses dois trabalhos foram que, primeiro, selecionamos apenas estudos representativos da variedade culta. Em segundo lugar, selecionamos somente trabalhos representativos do falar culto com resultados apresentados em termos de pesos relativos, especificamente para a regra de abaixamento da vogal pretônica /E/, pois, assim, viabilizamos uma possível comparação com os resultados do presente trabalho. Além disso, optamos por comentar apenas as pesquisas Celia (2004) e Amorim (2009) pela evidente necessidade de respeitar os limites deste artigo.

Dito isto, pontuamos que Celia (2004) pesquisou o comportamento variável da vogal pretônica /E/ no falar culto de Nova Venécia-ES. O *corpus* da pesquisa foi constituído por 9 informantes do sexo feminino e com ensino superior completo. As variáveis linguísticas analisadas foram: nasalidade, tipo de vogal tônica, distância, pretônica seguinte, atonicidade, consoante precedente, consoante seguinte e estrutura silábica. A única variável extralinguística testada na referida pesquisa foi a faixa etária (Faixa 1 – 25 a 30 anos; Faixa 2 – 36 a 55 anos e Faixa 3 – de 56 anos em diante). No estudo de Celia (2004), foram catalogadas 1.714 ocorrências para a pretônica /E/, as quais foram analisadas estatisticamente com auxílio do programa computacional Goldvarb X.

Em linhas gerais, os resultados apontam que a consoante precedente favorecedora do abaixamento⁷ de /E/ é a labiodental (,75). Já, as consoantes seguintes aliadas ao abaixamento são a alveolar (,55) e a bilabial (,54). No grupo de fatores atonicidade, os fatores casual baixa (,72) e variável (,55) são os aliados da regra. No grupo tipo de vogal

⁷ Os estudos considerados aqui analisaram a influência de fatores linguísticos e extralinguísticos sobre o abaixamento da pretônica /E/ em virtude de essa ser a variante tida como não-padrão. Ou seja, os grandes manuais normativos apontam a pronúncia com o timbre fechado de /E/ (manutenção) como a variante padronizada e não o seu abaixamento. Também por essa razão, optamos – conforme veremos na seção da análise dos resultados – por realizar as análises/rodadas estatísticas em função da regra de abaixamento da pretônica /E/.

tônica, destacaram-se os fatores média baixa (,97) e baixa (,81). Além disso, no grupo átona seguinte, os fatores média baixa (,95) e baixa (,96) favorecem o abaixamento. Quanto à estrutura da sílaba, o fator aberta (,54) é o mais relevante para a regra. Já, em relação ao grupo faixa etária, a faixa 2 – 36 a 55 anos (,67) é aliada da regra de abaixamento de /E/.

Amorim (2009), por sua vez, analisou o abaixamento da vogal pretônica /E/ na fala culta de 12 informantes da cidade de Recife-PE. As variáveis linguísticas analisadas foram: realização, contexto fonológico precedente, contexto fonológico posterior, extensão do vocábulo, posição quanto à sílaba tônica, tipo de vogal tônica, vogal pretônica seguinte, atonicidade, tipo de sílaba, natureza do vocábulo, *corpus* e estrutura da sílaba. Já, as variáveis extralinguísticas de sua pesquisa foram a faixa etária (Faixa 1 – até 39 anos e Faixa 2 – a partir de 40 anos ou mais) e o sexo (masculino e feminino).

Ao todo, Amorim (2009) coletou 3.947 dados que foram submetidos à análise estatística do programa GoldVarb X. Os resultados para cada grupo de fatores demonstram que: a) são aliados da regra de abaixamento os fatores alveolar-dental (,52), bilabial (,51), labiodental (,56) e palatal (,89), no grupo contexto fonológico precedente; b) já, no grupo contexto fonológico seguinte, os fatores aliados são bilabial (,58), glotal (,55) e palatal (,91); c) as vogais tônicas que favorecem a regra são média anterior fechada (,68), alta anterior (,61), média posterior fechada (,78) alta posterior (,68) e ditongo oral (,68); d) para o grupo pretônica seguinte, as vogais átonas favorecedoras da regra são média anterior aberta (,58), média anterior fechada (,58), alta anterior (,64), média posterior fechada (,64) alta anterior nasal (,71) e ditongo oral (,85); e) a distância 1 (,53) é aliada do abaixamento, no grupo posição quanto à sílaba tônica; f) no grupo estrutura da sílaba, o fator travada (,56) beneficia a regra em estudo; g) o fator verbo (,51) é aliado da regra, no grupo natureza do vocábulo; h) o fator masculino (,67) é favorável ao abaixamento de /E/, no grupo sexo; i) a faixa etária 2 (,54) é aliada da regra; j) por fim, o fator leitura de texto, no grupo *corpus*, favorece o abaixamento.

Como podemos observar, tanto em Celia (2004) como em Amorim (2009), os fatores linguísticos apresentam maior influência sobre a regra de abaixamento do /E/, sendo as variáveis contexto fonológico precedente (fator labiodental), contexto fonológico seguinte (fator bilabial), tipo de átona seguinte (vogais médias) as que mais se destacaram. Já, no contexto das variáveis extralinguísticas, a faixa etária teve uma

atuação relevante, demonstrando que os indivíduos da segunda faixa (36-55 anos, em Celia (2004) e, a partir de 40 anos, em Amorim (2009)) são os que mais beneficiam o abaixamento do /E/.

Com esta breve revisão da literatura, além de proporcionar um pequeno quadro sobre o abaixamento da pretônica /E/, embasamos nossa pesquisa em relação à eleição de algumas das variáveis linguísticas e, também, extralinguísticas testadas por nós. Conforme já sinalizado, os resultados obtidos por Celia (2004) e Amorim (2009) serão retomados, na medida do possível, para que possamos compará-los com os achados desta pesquisa.

Metodologia

O *corpus* utilizado nesta pesquisa faz parte do Projeto PORCUFORT (ARAÚJO, 2000; ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018), idealizado, conforme já mencionamos, pelo professor Dr. José Lemos Monteiro e constituído com o auxílio de três graduandas do curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual do Ceará (UECE), entre os anos de 1993 a 1995. Atualmente, esse banco de dados encontra-se transcrito e digitalizado sob a guarda da professora Dr.^a Aluiza Alves de Araújo, docente da mesma universidade (ARAÚJO, 2000; ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018).

Além disso, o PORCUFORT é composto por 73 informantes fortalezenses (e filhos de pais cearenses), com ensino superior completo, estratificados por faixa etária (Faixa 1 – 22 a 35 anos; Faixa 2 – 36 a 55 anos e Faixa 3 – a partir dos 56 anos), sexo (masculino e feminino) e, também, segundo o tipo de inquérito (DID, D2 e EF) (ARAÚJO, 2000; ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018). Por tratar-se de um estudo que envolve seres humanos, ressaltamos que a utilização do PORCUFORT, neste trabalho, foi devidamente autorizada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UECE (CEP/UECE), como atesta o número CAAE 63886617.0000.5534, referente à submissão da proposta desta pesquisa à Plataforma Brasil.

Para a constituição da amostra de fala que analisamos, selecionamos 36 informantes do PORCUFORT, divididos quase que igualmente, entre faixa etária, sexo e tipo de inquérito, como disposto pelo próprio banco de dados. Optamos por trabalhar com dois informantes por célula, pois, desta forma, foi possível selecionar os inquéritos

com melhor audibilidade e deixar a amostra uniforme quanto à quantidade de informantes. No Quadro 1, podemos observar melhor a configuração da amostra desta pesquisa quanto à distribuição dos informantes segundo a estratificação inicial no Projeto PORCUFORT:

Quadro 1 – Distribuição dos informantes de acordo com as variáveis sociais controladas na amostra

Faixa etária	Registro	Sexo					
		Masculino			Feminino		
		DID	D2	EF	DID	D2	EF
22-35 anos		2	2	2	2	2	2
36-49 anos		2	2	2	2	2	1
50+ anos		2	2	2	2	2	1

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Como vemos no Quadro 1, temos duas células com apenas um informante. Isto se justifica porque no PORCUFORT só há uma informante do sexo feminino, com mais de 50 anos, no tipo de registro EF. Já, na célula EF, da faixa etária 2 – 36 a 49 anos, do sexo feminino, dispúnhamos de dois informantes, porém, constatamos que não era possível ouvir uma das gravações, em virtude de problemas técnicos e porque no PORCUFORT não havia outro inquérito para fazermos a substituição. Sendo assim, contamos com 34 informantes ao todo. No entanto, enfatizamos que no GoldVarb X⁸ programa utilizado para a análise estatística, é possível trabalhar até mesmo com células vazias (GUY; ZILLES, 2007).

Dito isso, ressaltamos que a variável dependente desta pesquisa é, conforme assinalamos logo de início, a variação quanto à realização de /E/ pretônica. Conforme já explicamos, esse fenômeno consiste no abaixamento [ɛ] e manutenção [e] da vogal /E/

⁸ O GoldVarb X foi lançado no ano de 2005 pelos linguistas David Sankoff, Sali Tagliamonte e Eric Smith. Pode ser acessado e baixado gratuitamente por meio do seguinte endereço eletrônico: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>.

pretônica:

- Abaixamento: realização da vogal /E/ pretônica com o timbre aberto, como em [rɛ'viʃtɛ]⁹.
- Manutenção: realização da vogal /E/ pretônica com o timbre fechado, como em [re'viʃtɛ].

A seguir, apresentamos mais detidamente as variáveis independentes e seus respectivos fatores testados neste trabalho.

Contexto fonológico precedente – Esse grupo teve papel relevante nos estudos de Amorim (2009) e Celia (2004) sendo que o fator labiodental¹⁰ se mostrou aliado do abaixamento de /E/, em ambas as pesquisas. Para testarmos a influência desta variável também na amostra de fala desta pesquisa, analisamos os seguintes fatores:

- Alveolares e dentais
- Labiais
- Palatais
- Velares
- Glotais

Contexto fonológico seguinte – Assim como o contexto fonológico precedente, o contexto fonológico seguinte também exerce bastante influência sobre a realização da vogal pretônica /E/, e se destacou nos resultados de Amorim (2009) e Celia (2004). A fim de observarmos o comportamento da vogal /E/ pretônica diante do contexto fonológico seguinte, controlamos os fatores a seguir:

- Alveolares e dentais
- Labiais
- Palatais
- Velares
- Glotais

Atonicidade – Neste grupo de fatores, observamos o processo derivacional em que a vogal /E/ permanece átona ou adquire tonicidade. Portanto, para testar os efeitos desta variável sobre o abaixamento da pretônica /E/, elencamos os seguintes fatores:

- Átona permanente: aquela que não se associa à vogal acentuada em palavras cognatas. Ex.: pesquisa (átona) / pesquisador (átona)
- Átona variável: aquela que se associa à vogal acentuada em palavras cognatas.

⁹Ilustração retirada do inquérito 21 de nossa amostra.

¹⁰ Conforme a nomenclatura utilizada pelos autores.

Ex.: percebe (tônica) / percebemos (átona).

Tipo de vogal tônica – De acordo com Bisol (1981), as vogais tônicas baixas podem contribuir com o abaixamento de /E/. Sendo assim, para sabermos se esse comportamento irá se confirmar em nossa amostra, analisamos os fatores a seguir:

- vogal tônica baixa [a]: selecionadas
- vogal tônica média-baixa anterior [ɛ]: objeto
- vogal tônica média-baixa posterior [ɔ]: escola
- vogal tônica média-alta anterior [e]: emprego
- vogal tônica média-alta posterior [o]: portadoras
- vogal tônica alta anterior [i]: terapia
- vogal tônica alta posterior [u]: introduzo
- vogal nasalizada média-baixa [ẽ]: enquanto
- vogal nasalizada média anterior [ẽ]: recentemente
- vogal nasal média posterior [õ]: encontro
- vogal nasal alta anterior [ĩ]: seguinte
- vogal nasal alta posterior [ũ]: segundo
- ditongos orais e ditongos nasais [ãw]: então

Tipo de vogal átona seguinte – Pela mesma razão que controlamos a variável tipo de vogal tônica, analisamos as átonas seguintes, a fim de esclarecer se estas influenciam a regra de abaixamento da pretônica /E/. Além disso, em Amorim (2009), essa variável se mostrou bastante relevante. Portanto, aqui, serão analisados os fatores a seguir:

- vogal baixa [a]: terapeuta
- vogal média-baixa anterior [ɛ]: selecionadas
- vogal média-baixa posterior [ɔ]: temporal
- vogal média-alta anterior [e]: veterinária
- vogal média-alta posterior [o]: escolhi
- vogal alta anterior [i]: cognitiva
- vogal alta posterior [u]: ocupacional
- vogal nasalizada média-baixa [ẽ]: não encontramos nenhuma ilustração na amostra
- vogal nasalizada média anterior [ẽ]: recentemente
- vogal nasal média posterior [õ]: preconceito
- vogal nasal alta anterior [ĩ]: não encontramos nenhuma ilustração na amostra
- vogal nasal alta posterior [ũ]: conjuntamente
- ditongos orais e ditongos nasais: não encontramos nenhuma ilustração na amostra
- sem átona seguinte: aprender

Distância da vogal tônica – Neste grupo de fatores, analisamos o papel da contiguidade¹¹ em relação à sílaba tônica, pois, segundo Amorim (2009), os processos de

¹¹ A contiguidade se refere à proximidade em relação a sílaba tônica. Desse modo, quanto maior a proximidade, maior a contiguidade; quanto maior a distância, menor é a contiguidade.

assimilação podem ser determinantes para a determinação da altura da vogal seguinte. Controlamos, portanto, os fatores seguintes:

- Distância 1: pesquisa
- Distância 2: terapia
- Distância 3: desempregado
- Distância 4: representações

Estrutura da sílaba – Em Amorim (2009), o fator sílaba travada beneficiou o abaixamento de /E/. Para observar como essa variável atua em nossa amostra, serão analisados os fatores a seguir:

- Livre: medicina
- Travada: lembrar

Classe do vocábulo – Ainda em Amorim (2009), o fator verbo contribuiu com o abaixamento de /E/. Para testarmos o possível efeito desse mesmo fator sobre a realização do abaixamento de /E/ neste estudo, foram analisados os fatores seguintes:

- Substantivo: revolução
- Verbo: começaram

Sexo – Segundo Labov (2008), homens e mulheres, por representarem papéis socio-históricos distintos, tendem a apresentar diferenças também em alguns traços de suas falas. Entretanto, Holmes (2013) argumenta que homens e mulheres não usam formas completamente diferentes, mas quantidades e frequências diversas das mesmas formas. Sobre o abaixamento da pretônica /E/, vimos que, na pesquisa de Amorim (2009), por exemplo, o fator masculino beneficiou o emprego do abaixamento do /E/. A fim de analisarmos o comportamento desta variável em neste estudo, analisamos os fatores:

- Masculino
- Feminino

Faixa etária – Analisamos a fala de indivíduos de faixas etárias diferentes, a fim de observarmos se essa variável exerce alguma influência na regra de abaixamento do /E/ pretônica. Afinal, segundo Labov (2008), os indivíduos de mais idade têm preferência por formas mais conservadoras. Consonante a isso, Holmes (2013) relata que são encontradas diferenças na pronúncia, vocabulário e construções gramaticais de falantes

com diferentes faixas etárias. Além disso, nas pesquisas de Amorim (2009) e Celia (2004), vimos que a faixa etária 2 demonstrou ser favorável à regra do abaixamento de /E/. As faixas etárias controladas, nesta pesquisa, são as seguintes:

- Faixa 1 – 22 a 35 anos
- Faixa 2 – 36 a 49 anos
- Faixa 3 – a partir de 50 anos

Monitoramento estilístico – Nesta variável, analisamos o comportamento do abaixamento do /E/ em diferentes tipos de registos com graus de monitoramento estilístico diferenciados. Sendo que os tipos de registro D2 e DID são mais informais, enquanto o EF é o mais formal do PORCUFORT. Temos, então, os seguintes fatores:

- DID – Diálogo entre Documentador e Informante
- D2 – Diálogo entre Dois Informantes
- EF – Elocução Formal

Em nosso procedimento de coleta dos dados, catalogamos as ocorrências das pretônicas /E/ dentro do contexto CVC (consoante – vogal – consoante) em verbos e substantivos. De cada inquérito, desprezamos os quinze primeiros minutos, pois, neste período, o informante pode, ainda, estar tenso com a situação da entrevista. Após este intervalo de tempo, acreditamos que o informante já esteja mais confortável, fato que pode nos proporcionar um tipo de linguagem mais espontâneo, isto é, mais próximo do chamado vernáculo (LABOV, 2008).

A transcrição dos dados foi feita de oitiva e estimamos que, conforme já apontamos, ouvimos aproximadamente 30 horas de gravações. Os dados foram transcritos, codificados com símbolos alfanuméricos de acordo com as nossas variáveis independentes e submetidos à análise estatística do programa GoldVarb X, que figura como uma versão mais atual para o ambiente Windows do pacote de programas Varbrul.

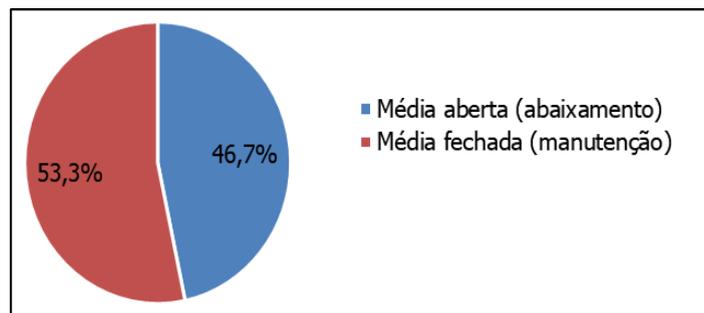
Resultados

A seguir, detalhamos os resultados gerados através do programa Goldvarb X, durante as rodadas/análises estatísticas realizadas em função da regra de abaixamento da pretônica /E/. Em princípio, são apresentados os dados gerais para as duas variantes que constituem a regra variável em análise; apresentamos, também, os fatores que

sofreram nocaute¹²; posteriormente, expomos os dados da melhor rodada selecionada pelo programa de análise estatística e, por fim, apresentamos e discutimos os resultados obtidos para os grupos de fatores selecionados como pertinentes para o estudo.

Na amostra de fala selecionada, catalogamos 2.965 ocorrências da vogal /E/ pretônica, sendo que 1.385 (46,7%) dos casos correspondem ao abaixamento (variante aberta) e 1.580 (53,3%) correspondem à manutenção (variante fechada). No Gráfico 1, podemos observar melhor a distribuição dos dados em números percentuais:

Gráfico 1 – Frequência de uso das variantes analisadas



Fonte: Elaborado pelas autoras.

De acordo com o Gráfico 1, o total geral de aplicação do abaixamento (variante aberta) (46,70%) é menor que o total da manutenção (variante fechada) (53,30%). Este resultado inicial nos indica que existe, na amostra estudada, uma leve preferência pelo emprego da variante fechada em relação à variante aberta.

Na primeira rodada, com o programa GoldVarb X, não obtivemos nenhum nocaute e, então, seguimos para a rodada *step up and down* que nos forneceu o número da melhor rodada, ou seja, a rodada com Input = 0,453, Log Likelihood = -1497,856 e Significance = 0,011. Os grupos selecionados pelo programa, por ordem de relevância, para a variante aberta, foram tipo de vogal tônica, tipo de átona seguinte, atonicidade, faixa etária, classe do vocábulo, contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte e monitoramento estilístico. Já os grupos excluídos pelo programa foram distância da vogal tônica, sexo e estrutura da sílaba, nesta mesma ordem.

A seguir, faremos a análise e discussão dos resultados obtidos para os grupos de fatores selecionados conforme a ordem de relevância estatística apontada pelo programa.

¹² Os nocautes são entendidos como um problema para as análises estatísticas fornecidas pelo GoldVarb X, pois implicam dizer que, em um dado contexto, o uso de uma determinada variante foi categórico, ou seja, não houve variação (GUY; ZILLES, 2007).

Tipo de vogal tônica

Tabela 1 – Atuação da variável tipo de vogal tônica sobre o abaixamento

Tipo de vogal tônica	Abaixamento		Manutenção	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
[a]	67.5% (384/569)	,752	32.5% (185/569)	,248
[ɛ]	76.1% (51/67)	,872	23.9% (16/67)	,128
[e]	16.8% (29/173)	,244	83.2% (144/173)	,756
[ɔ]	86.4% (57/66)	,893	13.6% (9/66)	,107
[o]	10.6% (46/435)	,107	89.4% (389/435)	,893
[i]	37.3% (178/477)	,447	62.7% (299/477)	,553
[u]	68.4% (54/79)	,690	31.6% (25/79)	,310
[ã]	43.8% (81/185)	,516	56.2% (104/185)	,484
[ẽ]	58.1% (158/272)	,570	41.9% (114/272)	,430
[õ]	91.7% (22/24)	,919	8.3% (2/24)	,081
[ĩ]	28.6% (4/14)	,487	71.4% (10/14)	,513
[ũ]	78.6% (11/14)	,843	21.4% (3/14)	,157
Ditongos orais e nasais	52.5% (310/590)	,538	47.5% (280/590)	,462

Fonte: Elaborada pelas autoras.

O grupo tipo de vogal tônica foi o primeiro a ser selecionado pelo GoldVarb X, portanto, é o grupo mais relevante para a aplicação da regra de abaixamento de /E/. Como observamos na Tabela 1, as vogais orais abertas [ɔ] (,893), [ɛ] (,872), [a] (,752) e [u](,690); juntamente com as vogais nasais [õ] (,919), [ũ] (,843), [ẽ] (,570) e [ã] (,516) são os fatores que beneficiam o emprego do abaixamento. As demais vogais não favorecem a regra em questão. Celia (2004) verifica que as vogais média baixa (,97) e baixa (,81), ou seja, as vogais abertas, influenciam diretamente o emprego do

abaixamento.

Portanto, inferimos que as vogais abertas privilegiam o abaixamento por terem traços articulatórios semelhantes. Em relação às vogais nasais, Bisol (1981) afirma que as vogais, quando nasalizadas, favorecem o processo de harmonização vocálica, portanto, as vogais pretônicas podem adquirir os traços de altura das vogais nasais, permitindo, assim, o processo de abaixamento.

Tipo de vogal átona seguinte

Tabela 2 – Atuação da variável tipo de vogal átona seguinte sobre o abaixamento

Tipo de vogal átona seguinte	Abaixamento		Manutenção	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
[a]	77.6% (191/246)	,789	22.4% (55/246)	,211
[ɛ]	89.2% (166/186)	,893	10.8% (20/186)	,107
[e]	12.7% (15/118)	,144	87.3% (103/118)	,856
[ɔ]	68.9% (31/45)	,588	31.1% (14/45)	,412
[o]	38.5% (45/117)	,344	61.5% (72/117)	,656
[i]	55.6% (235/423)	,479	44.4% (188/423)	,503
[u]	59.5% (44/74)	,552	40.5% (30/74)	,448
[ẽ]	91.7% (11/12)	,925	8.3% (1/12)	,075
[ẽ]	70.8% (51/72)	,766	29.2% (21/72)	,234
[õ]	66.7% (20/30)	,684	33.3% (10/30)	,316
[ĩ]	Sem ocorrência		Sem ocorrência	
Sem átona seguinte	35.1% (576/1642)	,410	64.9% (1066/1642)	,590

Fonte: Elaborada pelas autoras.

O segundo grupo de fatores mais relevante, o tipo de átona seguinte, de acordo

com a Tabela 2, indica, como favorecedoras do abaixamento da pretônica /E/, as seguintes vogais orais [ɛ] (,893), [a] (,789), [ɔ] (,588), [u] (,552) e as vogais nasais [ẽ] (,925), [ẽ̃] (,766), [õ] (,684). Ou seja, assim como ocorre no grupo tipo vogal tônica, na variável tipo de átona seguinte, temos as vogais baixas e as vogais nasais destacando-se no emprego da regra.

No estudo de Celia (2004), os fatores média baixa (,95) e baixa (,96) favoreceram o abaixamento. Já no estudo de Amorim (2009), são os fatores média anterior aberta (,58) e alta anterior nasal (,71) que favorecem a regra. Como no grupo tipo de átona seguinte obtivemos resultados bastante semelhantes aos resultados do grupo tipo de vogal tônica, concluímos, então, que as explicações de Bisol (1981) sobre a harmonização vocálica também podem ser aplicadas aos fatores pertinentes para a variável tipo de átona seguinte, com as vogais pretônicas assimilando os traços das vogais pretônicas seguintes.

Atonicidade

Tabela 3 – Atuação da variável atonicidade sobre o abaixamento

Atonicidade	Abaixamento		Manutenção	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Átona permanente	49.5% (1292/2612)	,525	50.5% 1320/2612)	,475
Átona casual	26.3% (93/353)	,324	73.7% (260/353)	,676

Fonte: Elaborada pelas autoras.

De acordo com os dados expostos na Tabela 3, o fator átona permanente (,525) beneficia, ainda que discretamente, a regra de abaixamento do /E/. Por outro lado, o fator átona casual (,324) não a favorece, pois seu peso relativo é inibidor da regra. Na pesquisa de Celia (2004), o fator átona permanente (,59) também contribui de modo favorável com o abaixamento. Sobre isto, Bisol (1981) explica que a átona permanente é a vogal que nunca recebe o acento principal, e, por conta disso, é o ambiente mais privilegiado para os processos de harmonização vocálica. Já as átonas casuais, devido

aos processos de derivação, passam de tônicas à átonas e vice-versa. Por esta razão, elas não favorecem o abaixamento, haja vista esses segmentos guardam resquícios das suas formas de origem.

Faixa etária

Tabela 4 – Atuação da variável faixa etária sobre o abaixamento

Faixa etária	Abaixamento		Manutenção	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Faixa 1 – 22 a 35 anos	41.7% (420/1007)	,416	58.3% (587/1007)	,584
Faixa 2 – 36 a 49 anos	48.1% (479/995)	,529	51.9% (516/995)	,471
Faixa 3 – 50 anos ou mais	50.5% (486/963)	,558	49.5% (477/963)	,442

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os resultados da Tabela 4 apontam a Faixa 2 (,529) e a Faixa 3 (,558) como as aliadas da regra de abaixamento, enquanto a Faixa 1 (,416) a inibe. Resultados semelhantes são observados nos trabalhos de Amorim (2009) e Celia (2004), em que a faixa 2 é aliada do abaixamento com pesos relativos de (,67) e (,54), respectivamente. Sendo assim, podemos concluir que o abaixamento está presente na fala dos indivíduos de meia idade e dos mais velhos (50 anos ou mais). Em contrapartida, na fala dos mais jovens, a regra de abaixamento da pretônica /E/ encontra restrições em sua aplicação, já que eles preferem a manutenção.

Diante desses resultados, acreditamos que os mais jovens podem estar demonstrando um cuidado maior com suas falas, uma vez que estão numa faixa etária em que a busca pela inserção no mercado de trabalho, ou até mesmo a sua inserção recente nesse ambiente, exerce uma pressão para que estes indivíduos utilizem formas linguísticas consideradas de prestígio pela sociedade. A esse respeito, Eckert (1997) explica que o comportamento linguístico dos indivíduos muda ao longo de suas trajetórias de vida, de acordo com acontecimentos de ordem biológica e social. Dentre esses, o

último, reafirmamos que a inserção ou presença no mercado de trabalho certamente é um deles.

Classe do vocábulo

Tabela 5 – Atuação da variável classe do vocábulo sobre o abaixamento

Classe do vocábulo	Abaixamento		Manutenção	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Verbo	39% (411/1053)	,425	61% (642/1053)	,575
Substantivo	50.9% (974/1912)	,542	49.1% (938/1912)	,458

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Quanto ao grupo de fatores classe do vocábulo, vemos, conforme os dados na Tabela 5, que o fator substantivo (,542) beneficia o abaixamento e o fator verbo (,425) o inibe. Diferente dos nossos resultados, na pesquisa de Amorim (2009), o fator verbo (,51) favorece, ainda que muito discretamente, a regra de abaixamento. De acordo com Carmo (2009), os nomes e os verbos têm comportamentos distintos em relação às regras de harmonização vocálica. Ocorre que os verbos, principalmente os de segunda e terceira conjugação, favorecem a regra de alteamento. Dessa maneira, acreditamos que devido o fator verbo beneficiar o alteamento, fenômeno oposto ao abaixamento, o fator substantivo toma o destaque em relação à aplicação do abaixamento.

Contexto fonológico precedente**Tabela 6** – Atuação da variável contexto fonológico precedente sobre o abaixamento

Contexto fonológico precedente	Abaixamento		Manutenção	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Alveolar /dental	49.5% (522/1054)	,463	50.5% (532/1054)	,537
Labiais	40.1% (510/1272)	,513	59.9% (762/1272)	,487
Palatais e palatalizadas	46.1% (59/128)	,509	53.9% (69/128)	,491
Velares	66.3% (65/98)	,797	33.7% (33/98)	,203
Glottais	55.4% (229/413)	,469	44.6% (184/413)	,531

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Ao observar os dados da Tabela 6, vemos que as consoantes relevantes para o abaixamento são as velares (,797), e as labiais (,513). Já as palatais e palatalizadas (,509) são neutras. Na pesquisa de Amorim (2009), o contexto fonológico precedente palatal (,89) foi aliado do abaixamento. De mesmo modo, as consoantes velares (,797) que também possuem traço articulatorio alto, aparecem como aliadas do abaixamento. No entanto, de acordo com Silva (2009), essa consoante não tem um ponto fixo na zona de articulação, por isso, se ajusta à produção mais recorrente de cada variedade.

Contexto fonológico seguinte

Tabela 7 – Atuação da variável contexto fonológico seguinte sobre o abaixamento

Contexto fonológico seguinte	Abaixamento		Manutenção	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Alveolar /dental	44.8% (803/1791)	,506	55.2% (988/ 1791)	,494
Labiais	51% (317/622)	,543	49% (305/ 622)	,457
Palatais e palatalizadas	37.8% (79/209)	,334	62.2% (130/209)	,666
Velares	53.3% (176/330)	,485	46.7 (154/ 330)	,515
Glottais	76.9% (10/13)	,765	23.1% (3/13)	,235

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Conforme o exposto na Tabela 7, temos as consoantes glottais (,765), labiais (,543) como aliadas do abaixamento, e as alveolares e dentais (,506) como neutras. Em Celia (2004), o fator alveolar (,55) beneficiou o abaixamento e, em Amorim (2009), as glottais (,55) são aliadas da regra.

Monitoramento estilístico**Tabela 8** – Atuação da variável monitoramento estilístico sobre o abaixamento

Monitoramento estilístico	Abaixamento		Manutenção	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
D2	42.7% (330/772)	,497	57.3% (442/772)	,503
DID	47.5% (704/1483)	,472	52.5% (779/1483)	,528
EF	49.4% (351/710)	,560	50.6% (359/710)	,440

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Na Tabela 8, vemos que o único fator relevante para a aplicação da regra de abaixamento é o fator EF (,560), enquanto os demais fatores D2 (,497) e DID (,472) a inibem. O resultado esperado por nós em relação a este grupo, era que os tipos de registro mais informais, como o D2 e o DID, beneficiassem o abaixamento e que o fator EF inibisse o emprego da regra. Entretanto, obtivemos o resultado oposto. Com isso, acreditamos que esse resultado pode estar relacionado ao fato de que, na comunidade de fala fortalezense, esta regra não seja avaliada como uma variante estigmatizada.

Afinal, ainda que os percentuais de uso das variantes estudadas tenham indicado que o abaixamento da pretônica /E/ (46,70%) ocorre em menor proporção que a sua manutenção (53,30%) – conforme mostramos no Gráfico 1 – a diferença entre os percentuais de uso das referidas variantes não nos parece tão saliente. Ou seja, vemos que o abaixamento de /E/, ainda que não seja tida como a forma padronizada¹³, ocorre de modo significativo ao lado da forma padronizada na fala de sujeitos com ensino superior completo e com significativo acesso a bens prestigiados economicamente, isto é, falantes tidos como cultos.

Somando a isso o fato de que, como vimos nessa última variável selecionada pelo

¹³ Nesse contexto, o termo padronizado é usado para referir o modelo de língua perpetuado pelas gramáticas normativas e bastante difundido nos grandes bancos escolares (FARACO; ZILLES, 2017).

Goldvarb X – monitoramento estilístico, os inquéritos do tipo EF, tidos como os mais formais do *corpus*, beneficiam o abaixamento da pretônica /E/, sustentamos, portanto, a tese de que essa forma não é estigmatizada pelos falantes selecionados para este estudo.

Considerações finais

Neste trabalho, analisamos a influência de fatores linguísticos (contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, atonicidade, tipo de vogal tônica, tipo de vogal átona seguinte, distância da sílaba tônica, estrutura da sílaba e classe do vocábulo) e extralinguísticos (sexo, faixa etária e monitoramento estilístico) sobre o abaixamento da vogal pretônica /E/, em amostra representativa do falar culto da cidade de Fortaleza-CE.

Para tanto, utilizamos o banco de dados do projeto PORCUFORT e lançamos mão de uma amostra composta por 34 informantes estratificados segundo o sexo, a faixa etária e o monitoramento estilístico. A partir disso, coletamos as ocorrências das vogais pretônicas /E/ dentro do contexto CVC (consoante vogal consoante) em verbos e substantivos, em cerca de 30 horas de gravações. Ao todo, catalogamos 2.965 ocorrências que foram codificadas e submetidas à análise estatística com o auxílio do programa GoldVarb X.

Os resultados desta pesquisa mostraram que os grupos de fatores estatisticamente relevantes para o abaixamento de /E/ são, nessa ordem de importância: tipo de vogal tônica (vogais orais baixas e vogais nasais), tipo de átona seguinte (vogais orais baixas e vogais nasais), atonicidade (átona permanente), faixa etária (faixa 3), classe do vocábulo (substantivo), contexto fonológico precedente (labiais, palatais e palatalizadas e velares) e contexto fonológico seguinte (alveolares / dentais, labiais e glotais).

De acordo com os resultados supracitados, concluímos que os fatores linguísticos são predominantes no emprego do abaixamento de /E/, em relação aos fatores extralinguísticos. Resultados semelhantes quanto à atuação dos fatores linguísticos foram encontrados nas pesquisas de Amorim (2009) e Celia (2004), pois a única variável extralinguística que influenciou o abaixamento nas referidas pesquisas foi a faixa etária, que também se mostrou pertinente para este estudo.

Referências

- AMORIM, Gustavo da Silveira. *O comportamento do /e/ e do /o/ pretônicos: um estudo variacionista de língua falada culta do Recife*. 2009. 172 f. Dissertação (Mestrado em Artes e Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- ARAÚJO, Aluiza Alves de. *A monotongação na norma culta de Fortaleza*. 2000. 111 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.
- ARAÚJO, Aluiza Alves de; VIANA, Rakel Beserra de Macêdo; PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa. O projeto descrição do português oral culto de Fortaleza – PORCUFORT: das origens aos dias atuais. *Web Revista SOCIODIALETO*, [s. l.], v. 8, n. 24, p. 174-198, jun. 2018. Disponível em: <http://sociodialeto.ojs.galoa.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/39>. Acesso em: 30 jun. 2018.
- BISOL, Leda. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. 1981. 334 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.
- CELIA, Gianni Fontis. *As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia-ES*. 2004. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- ECKERT, Penelope. Ages as a sociolinguistic variable. In: COULMAS, Florian (org.). *The handbook of sociolinguistics*. Oxford: Blackwell, 1997. p. 151-167. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1002/9781405166256.ch9#accessDenialLayout>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria. *Para conhecer norma linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2017.
- GUY, Gregory; ZILLES, Ana Maria. *Sociolinguística quantitativa*. São Paulo: Parábola, 2007.
- HOLMES, Janet. *An introduction to sociolinguistics*. New York: Routledge, 2013. p. 159-180. Disponível em: https://abudira.files.wordpress.com/2017/04/janet_holmes.pdf. Acesso em: 21 mar. 2021.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LABOV, William. *Principios del cambio lingüístico: factores sociales*. Tradução de Pedro M. Butragueño. Madrid: Editorial Gredos, 2006.
- MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). *Introdução à sociolinguística: o*

tratamento da variação. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 7-14.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 15-25.

SILVA, Ailma do Nascimento. *As pretônicas no falar teresinense*. 2009. 236 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Submetido em: 28 out. 2019.

Aceito em: 27 jul. 2020.